

A GUERRA ENTRE
BEHALE E LIQUIÇÁ
E A FUNDAÇÃO DO
REINO DE VEMASSE

Reünem-se duas lendas: a guerra entre Behale e Liquiçá, e, por via desta, a fundação do reino de Vemasse.

Diz a primeira que há muito tempo a Ilha era pertença de dois únicos régulos: o de Liquiçá e o de Behale. A guerra que estalou entre um e outro, por causa de um contrato de barlaque não cumprido por o de Behale, conduziu, finalmente, à constituição do reino de Vemasse.

Depois, outros reinos teriam surgido, e em 1868 montavam a 47.

O enredo de ambas as lendas ganha motivação na superstição dos luliks e na tendência doentia dos Timores para o mistério.

É uma erva sagrada a única arma que pode matar o Behale, capturado pelo inimigo. Nem as espadas conseguem degolá-lo, nem as azagaias lhe penetram no corpo. Só essa erva sagrada pode estrangulá-lo.

É o lulik do reino uma cobra de ouro, a única força protectora do povo de Liquiçá, que o livra da perseguição dos adversários, que o conduz, são e salvo, a abrigo seguro. É ainda o mesmo lulik que, transformado em homem, fecunda a irmã do régulo para dar sucessor à dinastia reinante.

A propensão dos povos timorenses para o mistério levou os de Liquiçá a cair no logro preparado por alguns de Behale, e muitos foram trucidados por isso. Foram os embusteiros ao mato e apanharam quantas cobras puderam. Levaram-nas aos moradores de Liquiçá, com a garantia de que, se eles as segurassem bem nas mãos e se conservassem imóveis e em absoluto silêncio, teriam um ano de fartas colheitas, até então nunca vistas.

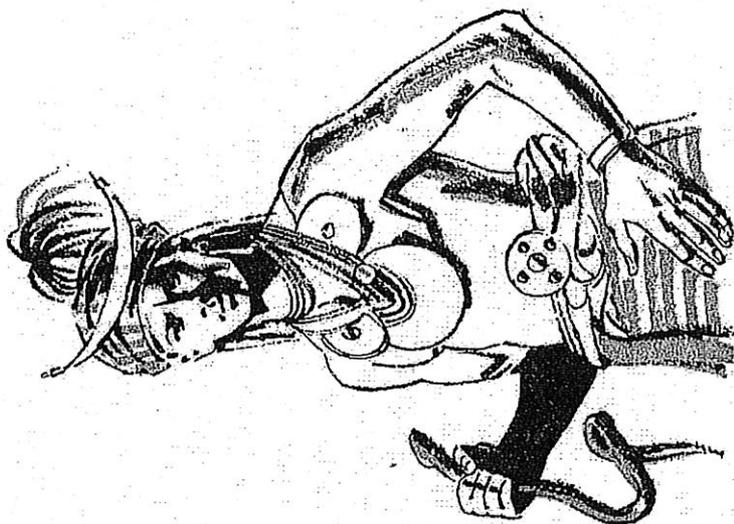
E não lhes ficou de aviso o embuste de que fala a lenda... Em 1929 foi preso em Manatuto um timor a vender grãos de milho, convencendo a gente daquela região e alguma de Díli de que bastava um só grão para dar um milheiral...

Por essa altura, um «vidente» de Aileu, que a si mesmo se intitulava Governador Negro, projetizava para dias próximos a saída dos Brancos...

Em 1931 uma seita religiosa se formou em torno de um «taumaturgo» que operava toda a casta de «milagres», por meio de uma bola de vidro. Um magote de adeptos, sob comando do inspirado, alçando uma bandeira azul e branca, chegou, uma vez, a dar uma volta à igreja católica e a entrar nela até ao altar.

E assim a superstição dos Timores. Angustiados por uma religião que lhes coloca Maromak muito além, muito longe dos homens, e os deixa entregues aos deuses malfazejos, aos luliks e às almas penadas (mate-byan), eles estão em apetência para aceitar toda a sorte de superstições.

A FUNDAÇÃO
DO REINO DE
VEMASSE



NÃO se contentou o soberano de Liquiçá com a morte do *liurai* de Behale. Foram os vencidos obrigados a pagar várias *fintas* ⁽¹²⁾ e a entregar cinco dos mais valentes *assuais*, para enquadram a tropa de Liquiçá.

Mas não foi esta uma humilhação de todo penosa para os de Behale. Pelo contrário, viram nela uma oportunidade de virem a vingar os opróbrios sofridos. Escolheram, de entre todos, os mais sagazes e valentes *assuais* e mandaram-nos para a corte de Liquiçá.

Treinados na arte da guerra e astutos no ardil e na artimanha, que caracterizaram sempre as operações bélicas entre os Timores, os cinco *assuais* não perderam tempo. Inteiraram-se de todas as usanças do reino, das superstições dos povos, das suas tendências.

Foram para os matos à busca de cobras e caçaram quantas puderam. Trouxeram-nas e convenceram os moradores de que, se nelas pegassem, as segurassem bem nas mãos e se mantivessem imóveis e calados, iriam ter colheitas abundantes como nunca tinham visto.

(12) Tributos, impostos.

Todos caíram no logro, tão propensa era a sua mentalidade a aceitar a superstição.

E, quando eles menos contavam, os cinco *assuais* galgaram a tranqueira e caíram-lhes em cima. A surpresa e a violência do ataque tomaram-nos de pânico.

O rei e os maiores fugiram a bom fugir, alcançaram a praia e fizeram-se ao mar em pequenos *beiros*, caminhando sempre ao longo da costa, para oriente, até algum refúgio seguro. O povo, em tropel, correu atrás do monarca, mas, chegando à praia e não tendo barcos, seguiu-o de longe, pelo litoral acima.

Rei e povo foram juntar-se perto de uma nascente de água salgada, *Ué Massim*, que veio a dar origem à palavra *Vemasse*. Aí nasceu um novo reino, que irradiou para leste e para sul, alargando-se a regiões hoje de Baucau, Lautém, Ossi e Ussuroa.

Não se esqueceu o monarca de consigo trazer o crânio do *Iurai* de Behale, já desmiolado pelo occipital e defumado, e o *lulik* do reino, uma cobra de ouro, religiosamente guardada em precioso cofre de sândalo. A ele se atribui a boa ventura de terem chegado salvos.

Os anos foram passando, sem que o rei conseguisse noiva da sua alta condição. Foi envelhecendo. Andava o povo apêzinhado com a falta de descendência do seu real senhor.

E foi o *lulik* do reino que mais uma vez salvou os de Liquiçá. Numa noite escura e serena, esgueirou-se para fora da caixa de sândalo, tomou a forma de um homem, musculoso e galã, e foi ter com a irmã do monarca, viúva do rei de Behale, que dormia tranquilamente no seu *lantém* ⁽¹³⁾ de bambu. E não repeliu ela o abraço da divindade. Nove meses depois, desse conúbio sobrenatural, nasciam três gémeos.

(13) Espécie de tarimba.

Cresceram os moços, sempre na ansiedade de conhecer o pai. E todas as vezes a mãe procurava responder com evasivas quando por ele lhe perguntavam.

Até que foram homens. Então, a mãe levou-os diante do cofre sagrado, abriu-o e mostrou-lhes o *lulik*, apontando-o como seu pai.

Ficaram pasmados. Um deles acreditou e saudou com reverência a paternidade sagrada. Os outros dois mofaram do bocado de ouro.

E logo então o *lulik* voltou à forma humana, e, fitando o primeiro, disse-lhe:

— Já que tiveste respeito para comigo, que te dei o ser, serás o rei de Vemasse, e será na tua descendência que se continuará a casa real. Os teus irmãos e seus descendentes não passarão jamais de plebeus sem categoria, para todo o sempre condenados à pobreza e à servidão, para castigo do seu sacrilégio.

E, dizendo isto, tornou ao seu aspecto de réptil e anichou-se dentro da caixa.

A profecia cumpriu-se, como ordem irrevogável de um deus omnipotente. Um dos filhos da viúva do *liurai* de Behale, aquele que tinha reconhecido o pai, foi o herdeiro do reino. Os irmãos, esses foram expulsos da corte e viveram sempre na pobreza e na servidão dos nobres. E ainda hoje os seus descendentes lá andam em Timor a sofrer esta maldição divina!... (14)